

# O RAP COMO ELEMENTO DESENCADEADOR DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Elisa Campos Machado\*  
Geraldo Moreira Prado\*\*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir o *Rhythm and Poetry* (RAP) como elemento desencadeador de um processo informacional, e de criação de bibliotecas comunitárias na periferia da cidade de São Paulo. É importante esclarecer que o rap é um meio de expressão para os jovens e é dessa forma que eles fazem seus discursos contundentes e questionadores sobre suas condições sociais, econômicas, culturais e educacionais. No entanto, para ser um bom *rapper*, os jovens perceberam a necessidade de ampliar seu repertório e suas bases culturais o que desencadeia um processo colaborativo de busca de informação e construção de novos conhecimentos nos grupos. Com base na experiência da Biblioteca Comunitária Solano Trindade, criada pelo movimento Força Ativa, serão apontadas as necessidades e as soluções encontradas pelos jovens para suprir as demandas informacionais do grupo, visto que, os mesmos, estão fixados em uma parte da cidade de São Paulo, no bairro de Cidade Tiradentes, totalmente desprovida de espaços públicos culturais. O resultado apresenta a problemática da educação e da cultura no país, especialmente no que tange ao acesso à informação, à leitura e à biblioteca pública.

**Palavras-chave:** Necessidades de Informação. Acesso à Informação. Rap - Brasil. Hip Hop – Brasil. Biblioteca Comunitária. Territórios de Memória.

\* Departamento de Estudos e Processos Bibliotecnômicos do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.  
E-mail: emachado2005@gmail.com

\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
E-mail: geraldo@ibict.br

## I INTRODUÇÃO

A música *rap* vem, cada vez mais, se fortalecendo, se expandindo e se mostrando como um meio estratégico para jovens da periferia disseminar informação entre seus grupos. Isto pode ser comprovado pelo sucesso de um grande número de grupos musicais e cantores do gênero, como por exemplo o grupo “Racionais MCs”, da cidade de São Paulo, ou o cantor de *rap* MV Bill, da cidade do Rio de Janeiro. Este fato pode ser observado não só no Brasil, mas em vários países do mundo.

O presente trabalho tem por objetivo discutir o *rap* (*Rhythm and Poetry*) como elemento

desencadeador de um processo informacional e tem como objeto de estudo a experiência observada na Biblioteca Comunitária Solano Trindade, criada pelo movimento Força Ativa, no bairro Cidade Tiradentes, na periferia da cidade de São Paulo. Para tanto, partimos de estudos sobre a cultura *Hip Hop*, sua configuração, suas formas de expressão e as necessidades informacionais dos jovens da periferia expressas na música *rap*, para, por fim, apresentar as soluções encontradas pelos jovens, para suprir as suas demandas informacionais.

Cabe esclarecer que a partir da pesquisa intitulada “Bibliotecas comunitárias como práticas sociais no Brasil”, tese de doutorado

apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) foi possível identificar o movimento de criação de bibliotecas comunitárias, liderado por jovens da periferia, ligados à cultura *Hip Hop*. Dentre as 29 experiências analisadas três delas surgiram a partir desse movimento, a Biblioteca Comunitária Solano Trindade, a Biblioteca Comunitária Livro-Pra-Que-Te-Quero e a Biblioteca Comunitária Zumaluma. Para nós estas três experiências são consideradas ações informacionais que geram territórios de memória.

Neste trabalho, elegemos a experiência da Biblioteca Comunitária Solano Trindade, para demonstrar como um grupo de jovens, fixados em uma região da cidade de São Paulo totalmente desprovida de espaços públicos culturais, tais como bibliotecas, centros culturais, museus e similares, colabora para mudar essa realidade.

É importante destacar que tanto o rap, como a biblioteca comunitária é entendida aqui como uma fração da cultura popular, vista como “concepção do mundo e da vida” segundo Gramsci (apud MARTIN BARBERO, 2008, p. 112) e que se apresenta em contraposição às concepções de mundo dos setores cultos da sociedade, ou dos setores oficiais, surgidas com a evolução da história (MARTIN BARBERO, 2008, p.112).

## 2 A CULTURAL HIP HOP E AS SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

*“Hoje voltamos a descobrir a realidade e o peso histórico de atores sociais de contornos mal definidos: os jovens, as massas, a opinião pública, o povo.”*  
Jacques Le Goff

O *Hip Hop* é conhecido como uma cultura jovem, de rua, composta por várias manifestações, tais como o *Rap* (música), o *Break* (dança), o MC (mestre de cerimônia) e o grafite (pintura). Surgiu no final da década de 1960, nos Estados Unidos, “unindo práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos” (MAGRO, 2002, p. 68).

No Brasil, no final dos anos 1980, “o movimento *Hip Hop*, especialmente o ritmo musical *Rap*, tornou-se para os jovens da periferia

urbanas um meio fecundo para mobilização e conscientização” (MAGRO, 2002, p. 68).

Segundo Sposito (1994 apud SILVA; SOARES, 2004, p. 976) o *Hip Hop* “estruturou-se também como organizações comprometidas com a formação do jovem através de atividades comunitárias”. Estas organizações, denominadas de “Posses”, passaram a ocupar um espaço de articulação e atuação social na periferia dos grandes centros urbanos brasileiros.

As Posses têm o objetivo de abrir caminhos para ampliar a atuação do movimento *Hip Hop* e agregar os diversos grupos de uma região, formados por *rappers*, DJ's, *grafiteiros* e *breakers*. Desenvolvem atividades comunitárias, articulam ações com entidades do movimento negro, participam e promovem eventos e shows,

[...] com o intuito de formar junto do jovem de periferia uma consciência política, de cidadania, artística e cultural. As posses promovem atividades envolvendo conteúdos que não são abordados pela escola formal com a profundidade desejada pelo movimento hip hop (SPOSITO 1994 apud SILVA; SOARES, 2004, p. 976).

No Brasil, além da forte atuação comunitária, o *Hip Hop* diferencia-se de movimentos de outros países por agregar a literatura como forma de aquisição e produção de conhecimento. Heloisa Buarque de Holanda (2008, p. 7) considera-o mais abrangente do que sua forma original norte-americana, pois “privilegia a ação pedagógica em lugar do confronto agressivo”. Para ilustrar essa afirmação, Buarque (2008) apresenta o autor Ferrez, que escreve em parceria com o *rapper* Mano Brown, os *saraus* da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) organizados pelo poeta Sergio Vaz, no Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo e o cronista Alessandro Buzo que, no Itaim Paulista, fundou o movimento “Favela Toma Conta”, uma articulação do *Hip Hop* com a literatura. A estes, poderíamos somar inúmeros outros *rappers* brasileiros de sucesso, tais como Gabriel o Pensador e MV Bill, que usam a literatura como meio de expressão.

Muitos estudos vêm sendo realizados no sentido de evidenciar a característica da educação não-formal no movimento *Hip Hop*. Nesse contexto, suas diferentes formas de elaboração artística são consideradas como meios de uma

educação informal e, os jovens, protagonistas de seu próprio processo educativo. Segundo Viviane Magro:

[...] as propostas pedagógicas do *Hip Hop* brasileiro, caracterizado academicamente como não-formal e/ou informal, rompem com a hierarquia constituída na modernidade entre os adultos, como educadores e responsáveis pela manutenção do sistema social, e os adolescentes, como seres em formação (MAGRO, 2002, p. 72).

Moreno e Almeida (2009, p. 138) em um estudo acerca do engajamento político dos jovens nesse tipo de movimento, evidenciam essa questão ao demonstrar que esses jovens, em sua maioria, são “bons alunos em escolas mal aparelhadas [as quais] têm grandes dificuldades para [lhes garantir] as competências necessárias para ter sucesso nas carreiras escolares mais prestigiadas”. Esse fato lhes dá a dimensão de que “os investimentos escolares não seriam suficientes para levá-los mais adiante”.

### 3 AS NECESSIDADES INFORMACIONAIS DOS JOVENS DA PERIFERIA

No Brasil, é principalmente nas regiões periféricas que a população tem maior dificuldade de acesso à informação, cultura e educação de qualidade. Nesse contexto, poderíamos supor que nesses espaços não existem sistemas de informação organizados e institucionalizados orientados para o usuário. No entanto, apesar das dificuldades estruturais e da ausência do Estado, encontramos bibliotecas comunitárias criadas especialmente para suprir as necessidades informacionais de grupos de jovens.

Cabe esclarecer que para nós, compreender as necessidades de informação desses jovens nos leva a compreender por que os mesmos se envolvem num processo de busca ativa de informação. Segundo Miranda,

[...] grande quantidade de necessidades humanas pessoais está na raiz da motivação pelo comportamento de busca de informação, indicando que elas são inter-relacionadas, gerando, conjuntamente, o engajamento na busca por informações (MIRANDA, 2006, p. 102).

A partir desta pesquisa, pudemos perceber que o desejo e a necessidade de apropriação de novos conhecimentos de vários integrantes dos grupos de jovens envolvidos com o movimento *Hip Hop* se evidencia por meio de manifestações artísticas, tais como o grafite ou a dança. No entanto, é principalmente por meio de letras de música com teor rítmico, poético e discursivo, que esse desejo é declarado, como podemos ver no fragmento do rap “Vamos ler um livro”:

Milhares de livros estão ao seu alcance  
Mas você não quer saber  
Sua idéia é fraca a todo instante  
Você só fala besteira  
Não tem auto-estima, meu irmão  
Procure ler um livro, a fonte de  
informação.

(Trecho do rap “Vamos ler um livro” de Betinho)

O trecho da letra de música apresentada acima mostra como as necessidades informacionais desses jovens, ditos “excluídos” pelo discurso oficial e/ou oficioso, são derivadas do desejo de saber mais para poder criar e agir efetivamente; e deixa claro ainda, que os mesmos se envolvem sistematicamente num processo de estímulo à busca de informação.

Por meio do movimento *Hip Hop* e especialmente da linguagem *Rap*, os jovens das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, encontraram um caminho para enfrentar a situação de exclusão social, cultural e informacional em que se encontram. Para Martinez (1997, apud MORENO, ALMEIDA, p. 133) o *Rap* é um tipo de “música com mensagem”. É também considerado um estilo musical,

[...] originário do canto falado da África ocidental, adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no período pós-guerra. As letras das canções de *Rap* são denúncias da exclusão social e cultural, violência policial e discriminação racial; constituindo-se de longas descrições do dia-a-dia de jovens que vivem nas periferias de centros urbanos (SILVA, 1999, apud MAGRO, 2002, p. 71).

É por meio desse meio de expressão, onde um texto é recitado e é acompanhado por uma batida rítmica de baixo ou percussão,

que os jovens ligados ao *Hip Hop* fazem seus discursos contundentes e questionadores sobre suas condições sociais, econômicas, culturais e educacionais. Com ritmo e poesia discutem questões polêmicas do seu cotidiano, tais como a violência, a injustiça social, o sexo e o uso de drogas.

No entanto, para ser um bom *rapper*, ou um bom MC, os jovens percebem a necessidade de ampliar seu repertório e suas bases culturais o que acaba desencadeando um processo colaborativo de busca de informação e construção de novos conhecimentos no grupo. Uma necessidade de informação evidentemente derivada de música, declarada no trecho abaixo:

Estou cansado de ouvir esses caras  
falarem besteira  
Chega de letra babaca, o hip-hop não é  
brincadeira  
Vamos mostrar a história que a escola  
não mostra hoje em dia  
Em forma de rap, mostrá-la para o povo,  
aos trabalhadores na periferia  
Vamos ler um livro, vamos ler um livro

(Trecho do Rap "Vamos ler um livro" de  
Betinho)

Assumir o papel de um *rapper* ou de um MC no grupo envolve uma complexidade comportamental e determina novas necessidades informacionais para o jovem. Baseando-se nos conceitos que vem sendo desenvolvidos nas pesquisas alternativas sobre o assunto, identificadas por Miranda (2006) em seu estudo acerca das conexões teóricas entre as necessidades de informação e a competência informacional, a necessidade informacional se apresenta

[...] quando a pessoa reconhece que existe algo errado em seu estado de conhecimento e deseja resolver essa anomalia, estado de conhecimento abaixo do necessário, estado de conhecimento insuficiente para lidar com incerteza, conflito e lacunas em uma área de estudo ou trabalho (MIRANDA, 2006, p. 100).

Glória Diógenes em seu trabalho sobre cultura e violência entre grupos de jovens na periferia de Fortaleza, apresenta um depoimento representativo da influência do *rap* para um jovem integrante do movimento *Hip Hop*: "[...] eu gostava de rap, ele me levou pros livros, comecei

a gostar de ler, a rapaziada deu uns livros falando de sociedade, dinheiro, capitalismo uns baratos que eu não entendia, mas sabia que era importante [...]" (citado em DIÓGENES, 2008, p.129).

Sabemos que a leitura envolve aspectos sociais, culturais, econômicos, e psíquicos e, teoricamente, o acesso ao livro é algo "natural" para uma pessoa que dispõe de certo grau de escolaridade, no entanto, sabemos também que a leitura não é uma prática comum entre a maioria da população jovem brasileira. Segundo Michèle Petit (2008, p. 103), "praticar a leitura pode ser algo impossível ou arriscado quando pressupõe entrar em conflito com os modos de vida, com os valores próprios do grupo ou do lugar em que vive". Com base nessa realidade, é surpreendente o fato de jovens da periferia evocarem a importância do livro e da leitura, como por exemplo no refrão do Rap "Ego":

Cada fio do meu cabelo é um livro que  
já li  
Para agir tem que falar  
Para falar tem que ouvir  
Para ouvir tem que ler  
Para ler tem que agir

(Refrão do rap "Ego")

É fato que os jovens da periferia no Brasil, não contam com educação de qualidade, ou com espaços informacionais e bibliotecários preparados para ajudá-los na busca da informação. Portanto, percorrem o caminho inverso de um usuário de um sistema de informação, ou seja, transgridem a ordem e criam seus próprios sistemas, contextualizados a suas realidades, suas histórias e suas necessidades. Segundo Magro (2002, p. 73) é por esse motivo que esses jovens "deixam de ser meros atores e agentes [...]" e se tornam também autores de si próprios". O protagonismo em relação ao seu próprio processo educacional pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Mas você não quer saber  
Só se liga em leituras pornográficas  
Tipo revistas importadas, que vêm com  
loiras bem grandes na capa  
Meu irmão, se esse tipo de coisa pra  
você é informação  
Se liga nas patricinhas que aparecem na  
Malhação

A televisão é uma droga que esconde a  
nossa história  
Só tem coisa pra boy, quer ver os pretos  
pedindo esmola

(Trecho do rap “Vamos ler um livro” de  
Betinho)

Betinho, no trecho acima citado, lança uma crítica contundente à cultura de massa, carregada de estereótipos e disseminada pela mídia impressa e televisiva que invade o cotidiano dos jovens da periferia e transforma-se em modelo a ser seguido. Sem equipamentos e estratégias para enfrentar essa situação, a assimilação de conceitos das classes dominantes por parte dos jovens é imediata e o *Rap* passa a ser um meio estratégico de enfrentamento dessa realidade dentro do movimento.

É por meio do *Hip Hop* que esses jovens estabelecem uma complexa rede de relações sociais que desperta nos seus integrantes um sentimento de pertencimento a um grupo e a um território. Acreditam que a resposta para as necessidades informacionais de um *rapper* está no diálogo e na leitura e, portanto, se esforçam para criar meios para facilitar o acesso a espaços que propiciem estas práticas. Essa dinâmica é a essência do conceito de território de memória apresentado por Prado e Machado (2008). Nesse sentido, entendemos que a biblioteca comunitária passa a ser um dos meios encontrados por esses grupos, e este meio se constitui em um espaço idealizado como verdadeiro território de memória.

É importante esclarecer que quando optamos pelo uso do termo território, nos pautamos no pensamento de Milton Santos. Para o autor, território em si não é um conceito. “Só se torna um conceito se utilizável para a análise social quando consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles que dele se utilizam” (SANTOS, 2000, p. 22).

Levando em consideração também as discussões apresentadas por Le Codiak, ao tratarmos do uso da informação nesses territórios de memória, estamos evidenciando a necessidade de informação na condição derivada, ou seja, “exigida para a realização de uma necessidade fundamental” (LE COADIC, 2004, p. 40). Nesse sentido, cabe lembrar que o autor apresenta duas grandes classes de necessidades informacionais: a

necessidade advinda em função do conhecimento e a necessidade advinda em função da ação. A primeira derivada do desejo de saber e a segunda da necessidade de realização.

#### 4 AS AÇÕES INFORMACIONAIS CRIADAS PELOS JOVENS

Conforme indicado no início deste trabalho, elegemos a Biblioteca Comunitária Solano Trindade como objeto de reflexão por ser referência de uma ação informacional de jovens ligados ao movimento *Hip Hop* e a música *Rap* na periferia da cidade de São Paulo. Para nós, este é um espaço aberto à cotidianidade, não segmentado, bem diferente dos espaços oficiais, tais como o das bibliotecas públicas.

A história dessa biblioteca teve início no ano de 1994, quando o *rap* começa a se expandir nos grandes centros urbanos do Brasil. Percebendo a necessidade de estimular a leitura e o acesso à informação para melhorar o processo de criação dos jovens envolvidos no movimento, um dos integrantes do Núcleo Força Ativa, fez uma música intitulada “Vamos ler um livro” (ANEXO A).

No entanto, logo o grupo percebeu que era muito difícil incentivar a leitura sem acesso a documentos textuais, ou seja, sem acesso às bibliotecas. Na época, a biblioteca pública mais próxima de Cidade Tiradentes ficava há mais de 10 km de distância, no bairro de Guaianases. Foi nesse contexto que se iniciou a mobilização para a criação de uma biblioteca comunitária como espaço de apoio ao estudo e à pesquisa dos *rappers* da região. A mobilização para a criação da biblioteca foi também a forma encontrada pelo grupo para denunciar a ausência de espaços informacionais e culturais em Cidade Tiradentes.

A partir de articulações locais o grupo conseguiu, junto a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), a cessão de um espaço para sediar a biblioteca e iniciou um processo de arrecadação de livros, revistas, vídeos e outros tipos de materiais. Cabe ressaltar que a formação do acervo, apesar de totalmente baseada na forma de doação, é considerada pelo grupo, um ponto estratégico, ou seja, os materiais para serem incorporados ao acervo passam por uma seleção rigorosa que contempla aspectos referentes ao assunto, as suas possibilidades

de uso e as condições físicas do documento. Dessa forma, o acervo que compõe a biblioteca é formado com o cuidado de privilegiar assuntos de importância para o movimento, tais como política e ciências sociais. Destaca-se a coleção de vídeos nacionais cuidadosamente selecionados pelo grupo para exibição no local.

A ambientação do espaço é criada a partir de uma atmosfera de liberdade, valorizando a estética da cultura *Hip Hop*.

Quanto às atividades, a biblioteca organiza e oferece à comunidade oficinas de rima, escrita, leitura, assim como palestras e debates sobre temas de interesse da comunidade. São também organizados grupos de estudos nos quais os jovens dedicam seus finais de semana para ler, refletir e debater temas relacionados à consciência racial, igualdade de gênero, igualdade de direitos e oportunidades. Numa manhã de domingo, do mês de julho de 2008, tivemos a oportunidade de participar de um encontro do grupo na biblioteca, com mais de 16 jovens, onde o tema eleito era “democracia e cidadania” e o ponto de partida um texto de Habermas.

Em relação à gestão da biblioteca, Machado (2008) aponta essa experiência como uma referência no processo participativo. Os jovens levam para a biblioteca a experiência de participação em outras esferas políticas, tais como Conselho Tutelar e Orçamento Participativo.

Por meio de comissões, são organizadas assembleias onde são deliberadas as ações que deverão ser executadas num determinado período e as pessoas que ficarão responsáveis pela sua execução. Não há uma estrutura formalizada, há uma divisão de tarefas (MACHADO, 2008, p. 122).

Tendo em vista o sucesso da experiência os integrantes do Núcleo Força Ativa oferecem apoio e formação para outros grupos de jovens interessados em montar bibliotecas comunitárias, ou seja, estão formando multiplicadores de ações informacionais.

Temas como sexo, drogas, AIDS, machismo, racismo, valorização da mulher, que envolvem o cotidiano de crianças, jovens e adultos da periferia são identificados pelos jovens do Núcleo Força Ativa como fundamentais para melhorar as condições de vida de suas comunidades, no entanto esses temas não são tratados em profundidade na escola pública.

Por esse motivo, o grupo concentra esforços em atividades que estimulem a disseminação de informação para a comunidade. Uma das atividades desencadeou a gravou um CD intitulado “Rimar para a prevenção” com 17 músicas que discutem esses assuntos. Dessa forma acreditam que estão contribuindo para ampliar o acesso às informações que, tradicionalmente, a população não tem. No anexo B são apresentados trechos de algumas músicas.

Procure se organizar  
Idéias positivas múltiplas, múltiplas,  
múltiplas  
Para os parceiros e as parceiras, uma  
vida sexual iniciar  
Sem susto, seguro, sem medo  
Com camisinha nem o vírus pegará  
Se estiver contaminado não transmitirá  
(Trecho do Rap Viagem na idéia)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de estudos acerca do *Hip Hop* pudemos entender que, no contexto brasileiro, esse movimento tem dado muita ênfase para a literatura como forma de expressão e manifestação. Especificamente em relação à música *rap*, construída a partir de mensagens que os jovens querem passar para sua comunidade, transforma-se num elemento desencadeador de ações informacionais, já que seus autores, jovens moradores da periferia das grandes metrópoles, têm suas vidas marcadas pela carência de educação e cultura de qualidade e, por conseguinte, de meios de acesso à informação.

A experiência do movimento Força Ativa, pode ser considerada uma referência para os estudos de ações informacionais desencadeadas por grupo de jovens, geradas a partir da necessidade advindas do desejo de saber mais para poder expressar melhor suas idéias nas letras de suas músicas, como ressaltamos em algum momento da nossa análise. A Biblioteca Comunitária Solano Trindade, por sua vez, é aqui considerada um dos resultados dessas ações. Um espaço de busca, de troca de informações e de construção de novos conhecimentos para aquele grupo.

Outras experiências envolvendo *rappers*, ligados ao movimento *Hip Hop* têm levado ao mesmo caminho, ou seja, a criação de bibliotecas

comunitárias como territórios de memória, como é o caso da Biblioteca Comunitária Zumaluma e da Biblioteca Comunitária Livro-para-quê-te-querio citadas no início deste trabalho. Os jovens, das periferias urbanas, aparecem como os protagonistas centrais, por meio de seu engajamento nas questões culturais e educacionais. Demonstram que têm muito a ensinar com suas redes sociais, práticas inovadoras e regras de convivência.

Ao abrir a discussão acerca das necessidades informacionais dos jovens da periferia da cidade de São Paulo, buscamos como fio condutor metodológico a investigação e análise de uma fração da cultura popular, onde os jovens são os sujeitos da ação e rompem o imobilismo estabelecido por suas condições. Para nós, pesquisar uma experiência como esta é um exemplo de caminhos possíveis que

nos levarão a compreender as necessidades de informação de grupos específicos de usuários potenciais de bibliotecas públicas, com vistas ao desenvolvimento de competências informacionais. Estes estudos contribuirão para aproximar a Ciência da Informação e a Biblioteconomia das Ciências Sociais e da Educação.

E por fim, pudemos perceber que diferentemente da prática comum dos profissionais que atuam em bibliotecas públicas que, ainda, priorizam o acesso ao documento em detrimento do uso verdadeiro da informação, os jovens, intuitivamente, partem das suas necessidades informacionais para chegar ao documento. Por esse motivo podemos dizer que estes jovens são atores de uma dinâmica de grupo, pois, por meio de estratégias de interação informacional buscam conhecer as necessidades de informação individuais de seus membros.

## **THE RAP AS TRIGGERING OF INFORMATION AND KNOWLEDGE**

### **Abstract**

The purpose of the paper is to discuss the Rhythm and Poetry (RAP) as triggering mechanism of information process and development of community libraries on the suburban zones of the city of São Paulo. It is important to clarify that RAP is the way of expression of young people who by using this language make sharp and questioning arguments about their social, economic, cultural and educational conditions. The youngsters realized that to become a good rapper it is necessary to enlarge their repertoire and cultural ground leading to a collaborative process on information research and the construction of the group knowledge. Based on the experience of Biblioteca Comunitária Solano Trindade developed by the Força Ativa Group it is pointed out the youngsters' needs and solutions to fulfill their information demands, once in the area of São Paulo where they live in, the district of Cidade Tiradentes, there is not cultural public spaces available for the community. The results showed the Brazilian cultural and educational problem, mainly regarding to the access to information, reading and public libraries.

### **Keywords:**

Information needs. Rap – Brazil. Hip Hop – Brasil. Territory of memory. Community Library

---

Artigo recebido em 20/01/2010 e aceito para publicação em 08/04/2010

---

## REFERENCIAS

- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. 2.ed. São Paulo : Annablume, 2008.
- HOLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, n. 15, outubro, p. 7, 2008.
- LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LOPES, Weber. Vamos ler um livro: iniciativa de um grupo juvenil. In: AÇÃO EDUCATIVA. **Políticas e práticas de leitura no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 26-33.
- MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, agosto, p. 63-75, 2002.
- MATIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultural e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, v. 35, n.3, p.99-114, set./dez. 2006.
- MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n.40, p. 130-142, jan./abr. 2009.
- NÚCLEO FORÇA ATIVA. **Rimar para a prevenção**. São Paulo : Estudos 12 dólares, 2004.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Territórios de memória: fundamentos para a caracterização da Biblioteca Comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008, São Paulo. **Anais...** Brasília: ANCIB, 2008.
- SANTOS, Milton. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da; SOARES, Cássia Baldini. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 4, p. 975-985, 2004



**ANEXO A**

**Trecho da letra do rap "Vamos ler um livro", de  
Betinho  
Biblioteca Comunitária Solano Trindade**

Ei, ei, cara  
Mergulhe na história  
Preste atenção no que eu vou dizer agora  
Chega de ler besteira  
Chega de babaquice  
Procure se informar  
Não seja o mestre da burrice  
São tantos que falam merda  
E isso enjoa, é um tormento  
Procure ler um livro  
Pois é a máquina do tempo

Milhares de livros estão ao seu alcance  
Mas você não quer saber  
Sua idéia é fraca a todo instante  
Você só fala besteira  
Não tem auto-estima, meu irmão  
Procure ler um livro, a fonte de informação

Mas você não quer saber  
Só se liga em leituras pornográficas  
Tipo revistas importadas, que vêm com loiras bem  
grandes na capa  
Meu irmão, se esse tipo de coisa pra você é  
informação  
Se Lina nas patricinhas que aparecem na  
Malhação  
A televisão é uma droga que esconde a nossa  
história  
Só tem coisa pra boy, quer ver os pretos pedindo  
esmola

[...]

Agora eu quero ouvir, todo mundo comigo:  
Vamos ler um livro, vamos ler um livro  
Povo da periferia, vamos ler um livro  
Eu quero ouvir a maioria, vamos ler um livro

Comuna Força Ativa, pois não queremos ser os  
tais  
Pois sabemos que a boa leitura ensina até demais  
Portanto, meu amigo, procure se informar  
Pois do jeito que está, não, não pode ficar  
São tantos sem cultura, sem conhecimento pra  
trocar

A leitura é importante, o livro é arma fatal  
Que acaba com a ignorância, deixa sua mente  
legal

[...]

Estou cansado de ouvir esses caras falarem  
besteira  
Chega de letra babaca, o hip-hop não é  
brincadeira  
Vamos mostrar a história que a escola não mostra  
hoje em dia  
Em forma de rap, mostrá-la para o povo, aos  
trabalhadores na periferia  
Vamos ler um livro, vamos ler um livro  
(LOPES, 2003, p.31)

**ANEXO B**

**Trecho de letra de rap do CD Rimar para a  
Prevenção  
Núcleo Cultural Força Ativa**

**Faixa 2 - Ego**

Vozes: Tito e Akin / Baixo: Renato MC /  
Programação, Guitarra e Teclado

**Refrão**

Cada fio do meu cabelo é um livro que já li  
Para agir tem que falar  
Para falar tem que ouvir  
Para ouvir tem que ler  
Para ler tem que agir

**Faixa 3 - Viagem na idéia**

Vozes: Weber e Brehmer / Programação, baixo  
Synth e Teclado: Fabio Pinc

Viagem na idéia, na nossa batida  
Aqui não tem seringa,  
A gente compartilha informação politização  
Essa é a saída Força Ativa te alerta  
Auto se eduque e se previna  
Ponha a camisinha na sua vida

Com 16 se empolgou pra 19 transformar  
Você não acreditava, confiou, transou preservativo  
não usou

As propagandas na TV  
Não assimilou  
Pois bem, então continuou, saiu com várias, deu  
mó vacilo  
Olha o resultado do machismo

[...]

Procure se organizar  
Idéias positivas múltiplas, múltiplas, múltiplas  
Para os parceiros e as parceiras, uma vida sexual  
iniciar  
Sem susto, seguro, sem medo  
Com camisinha Mem o vírus pegará

Se estiver contaminado não transmitirá

Gonorréia, sífilis nem pensar  
Sexo seguro, prazeroso em primeiro lugar  
Núcleo Cultural Força Ativa  
Idéias positivas acabam de passar  
Camisinha na gaveta é na bolsa, na carteira  
Nem pensar  
Qualidade, validade, selo do IMMETRO e o  
arzinho é só verificar  
Os livros sobre o assunto têm de monte  
Tem dúvida é só consultar, pesquisar se informar  
Tem que se politizar até na hora de transar

[...]